

# A VIRGEM MARIA

## INTRODUÇÃO

*“Falar da Virgem Maria, na hora actual, é uma empresa arriscada...” É o que pensa o Pe. Albert Rouet, capelão de um liceu, e actualmente responsável pela catequese. Exprime-o com algum humor, no cabeçalho de um belo livro que consagra à Virgem Maria e ao seu lugar na vida cristã de hoje. De facto, o tema marial para muitos já não está na moda. Talvez interfiram nessa “alergia” certas recordações desagradáveis de práticas numerosas e impostas sem discernimento à nossa juventude, e até mesmo, hoje, certa admiração exagerada e equívoca por aparições e peregrinações duma duvidosa autenticidade. Muitos receiam que a devoção marial, oração e imploração por vezes pueril, distraia das tarefas urgentes a favor da justiça, dos compromissos sociais... Nem por isso é menos verdade que essas dificuldades, reais, não constituem uma desculpa para nos calarmos e para evitarmos a pergunta: a verdadeira devoção a Nossa Senhora é susceptível de uma tal caricatura?*

*A resposta apenas pode ser dada, segundo me parece, recorrendo séria e atentamente ao Evangelho, e foi nessa perspectiva que estas notas foram redigidas. Que nos diz a sagrada Escritura acerca da Virgem Maria? Como no-la mostra? Não certamente como uma “grande dama”, cheia de privilégios, multiplicando os milagres a favor dos seus devotos. Mas uma “cristã”, apaixonadamente dedicada ao seu Filho, toda entregue à nossa salvação, unida a Jesus nas horas alegres, mas sobretudo no drama da Paixão: um coração cheio de fé, dócil ao Espírito Santo, atento à Palavra de Deus, vivendo na pobreza e no silêncio uma vida de dedicação e de incansável caridade.*

*Maria é um modelo, ao mesmo tempo que um socorro maternal discreto e atento às nossas verdadeiras necessidades. O Concílio Vaticano II, no belo capítulo com que termina a Constituição sobre a Igreja, insistiu sobre três pontos: Maria sempre em relação a Cristo, Maria modelo das virtudes teologais, Maria discretamente presente às nossas vidas cristãs pela vigilância de um amor que nos insta a sermos fiéis ao Evangelho. Estas perspectivas guiarão a nossa leitura dos Evangelhos da Virgem e esperamos que ajudarão os destinatários destas notas sem pretensões a compreenderem melhor o mistério marial, a aprofundarem uma “devoção”, cujo projecto, segundo Paulo VI, é “empenhar os cristãos numa vida totalmente conforme à vontade de Deus” (Exort. Marialis cultus). Muito longe de nos distrair das realidades quotidianas – em que Maria, muito simplesmente, passou a sua própria vida – e de propor uma fácil “evasão”, a devoção marial enraíza-se na vida dos casais cristãos, para lhe levar a coragem sorridente e a alegria dos verdadeiros Magnificat. Porque Maria, afinal, apenas nos dirá uma coisa: Deus é grande e bom; e, naqueles que nisto consentem, faz grandes coisas.*

## INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

1)

Dois pequenos livros sugestivos, especialmente para os jovens e para aqueles que querem ultrapassar a piedosa espontaneidade da confiança em Maria, aprendida na infância. Estes dois volumes completam-se e “perfazem-se”: o primeiro pondo em destaque o mistério marial no mistério cristão, e o segundo tentando dizer o significado, para a vida cristã, das cenas evangélicas de que Maria é o centro:

- Albert ROUET: *Marie*. Ed. du Centurion, coll. Croire et comprendre, 1975.
- *Marie et la vie chrétienne*. Desclée de Brouwer, coll. Croire aujourd' hui, 1978.

### 2) Estudos exegeticos sobre Maria no Novo Testamento

- André FEUILLET: *Jésus et sa Mère*, segundo os evangelhos da infância, de S. Lucas, e segundo S. João. Gabalda, 1974.
- René LAURENTIN: *Structure et théologie de Luc 1-2*. Gabalda, 1957.
- John Mc HUGH: *La mère de Jésus dans le Nouveau Testament*, traduzido do inglês. Ed. du Cerf, coll. Lectio divina, n. 90, 1977.

Três grossos volumes, doutos e cheios de notas eruditas... Mas que permitem, a quem o deseje, informar-se acerca das posições de exegetas sérios e informados (excepcionalmente!) sobre os pontos delicados da interpretação do Novo Testamento (por ex. a concepção virginal). O mais completo e o mais metódico é o livro de Mc Hugh, exegeta inglês, que discute longamente (o livro tem 494 páginas na tradução francesa) as interpretações propostas e justifica as soluções tradicionais.

### 3) Estudos teológicos

- Cardeal G.-M. GARRONE: *Marie hier et aujourd'hui*. Ed. du Centurion, 1977. Como viveram os cristãos a piedade marial, e como, hoje, é preciso situar Maria no centro da vida cristã.
- M.-J. NICOLAS: *Il est né de la vierge Marie*. Maria no mistério cristão. Beauchesne. Coll. Doctrine pour le peuple de Dieu, 1969.

Exposição teológica que o autor, então decano da Faculdade de teologia de Toulouse, se esforça por pôr ao alcance de cristãos cultos. Preocupação de evitar qualquer tecnicidade na expressão, que no entanto se mantém muito austera!

### 4) Documentos do Magistério

- René LAURENTIN: *La Vierge au Concile*. Lethielleux, 1965.

História e análise do cap. VIII da Constituição sobre a Igreja, do Vaticano II, consagrado à Virgem Maria. O texto conciliar (texto latino e tradução francesa) é reprodu-

zido em apêndice, pp. 193-217: podemos encontrá-lo aí...

— Paulo Vi, Exortação apostólica *Marialis cultus* (2 de Fevereiro de 1974), publicada, com introdução do P.e Wenger, sob o título: *Le culte marial aujourd'hui*. Ed. du Centurion, 1974.

### 5) *As aparições mariais*

— *Vraies et fausses apparitions dans l'Eglise*. Lethielleux, 1973.

Volume colectivo, reproduzindo as exposições críticas e as trocas de pontos de vista de uma sessão da Sociedade francesa de estudos mariais (Pontmain, Setembro de 1971) consagrada ao facto das aparições recentes e ao seu “estatuto” na Igreja: informação verificada e juízo teológico. O Pe. Boris Bobrinskoy representava, nessa sessão, o ponto de vista da Igreja ortodoxa.

Paris 16 de Junho de 1978



# A ANUNCIAÇÃO

«Será chamado o Filho do Altíssimo» (Lc. 1,32)

## 1. A mensagem do anjo

Como nos anúncios do Antigo Testamento, Deus transmite a sua mensagem por meio de um anjo. Manoah, a mãe de Sansão, recebe a visita de um “anjo de Deus”, que lhe anuncia que, apesar da sua esterilidade, ela vai gerar um filho destinado a grandes coisas. Trémula, Manoah apressa-se a contar o que se passou ao seu marido, que implora uma nova visita do anjo, para mais detalhes, e obtém satisfação (Jz. 13,1-21). Literariamente, S. Lucas inspirou-se na passagem pitoresca do livro dos Juizes para construir o relato da Anunciação. Esse relato está cheio de alusões ao Antigo Testamento: é preciso estarmos atentos a isso para compreendermos o significado do diálogo entre Gabriel e Maria.

Articula-se em três tempos:

— “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor é contigo” (v. 28).

A palavra “ave” que nos é familiar (“Ave, Maria...”) é insuficiente para traduzir o verbo utilizado por S. Lucas (*Khairé*): é o anúncio do tempo messiânico, o indicativo da sua vinda: “alegra-te, filha de Sião, solta gritos de alegria, filha de Jerusalém... O rei de Israel, o teu Senhor está no meio de ti” (Sofonias 3, 14-15; cf. Zac 9,9).

Maria conhece os profetas, que medita desde a infância. A saudação do anjo — com o refrão: “o Senhor é contigo”, sinal de uma escolha particular da parte de

Deus — não poderia enganá-la. Os tempos messiânicos, tão esperados, tinham então chegado! Mas porquê este anúncio, a ela só? Compreende-se o espanto perturbado da jovem: “Perguntava a si mesma o que significava (o que queria dizer para ela) esta saudação”.

— “Conceberás um filho, e dar-lhe-ás o nome de Jesus”: O anjo sossega-a, como outrora fora sossegada a boa Manoah. E explica melhor a mensagem que está encarregado de revelar: Maria vai ser mãe, e mãe do Messias. O filho que ele anuncia herdará, com efeito, o “trono de David, seu pai”: será portanto descendente do grande Rei, e Deus lhe dará um “reino que não terá fim”. Todos estes traços correspondem aos anúncios proféticos do Messias “filho de David”: não há dúvida de que Maria é designada por Deus para essa dignidade que as mulheres de Israel ambicionavam: ser a mãe do Messias. Nesse instante, Maria interrompe o seu interlocutor: “Como poderá ser isso se eu não conheço homem?”: o realismo da frase, dita no presente, manifesta uma intenção deliberada; Maria, aliás, não opõe um veto, mas pergunta “como poderá ser”.

— “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”. Para responder à pergunta de Maria, o Anjo revela-lhe o mistério da criança de quem vai ser mãe. E fá-lo em termos bíblicos: a vinda do Espírito anuncia uma “grande obra de Deus”, e o verbo empregado evoca a presença divina na ar-

ca, coberta pela sombra do Altíssimo. Maria será pois, pela acção do Espírito, uma nova “arca” onde Deus repousará...

“É fora de dúvida que S. Lucas, empregando essa expressão (cobrirá com a sua sombra), sabia que associações de ideias ia acordar no espírito de um judeu: este pensa necessariamente na divina Presença ou *Shekinah*. De facto essa frase não pode significar outra coisa: o poder criador do Espírito Santo de Deus vai descer sobre Maria como a glória do Senhor tinha outrora descido sobre a tenda do Testemunho e a tinha enchido de uma presença divina. O que implica que Iavé, pelo que vai fazer em Maria, vai visitar o seu povo; e o que vai fazer nela será criar no seu seio uma criança sem intervenção de pai humano. É por isso que o santo Menino que dela nascerá será chamado Filho de Deus” (John Mc Hugh, *La Mère de Jésus dans le Nouveau Testament*, trad. franc. Cerf, 1977, p. 103).

Assim, em termos discretos, mas suficientemente claros para uma judia familiarizada com as Escrituras, a mensagem é transmitida: os tempos messiânicos chegaram, um filho de David vai nascer, filho de Maria. Mas este Menino estará tão próximo de Deus que usará, no verdadeiro sentido, o título de Filho de Deus — porque Maria, nova arca, está cheia da presença divina. Deus não a toma à traição; Maria sabe, confusamente sem dúvida, mas realmente, o que lhe é proposto...

## 2. A resposta de Maria

A única pergunta com que Maria interrompeu o anjo, “como poderá ser isso?”, revela a corrente do seu pensamento e a sua preocupação. Ao contrário de Sara, a

esposa de Abraão, que não pode admitir conceber um filho na sua velhice, e que trai o seu cepticismo por um riso de troça (Gn 18,9-15), Maria não põe em dúvida o poder de Iavé. Mas quer saber exactamente o que lhe pede. O seu propósito de virgindade foi inspirado pelo Senhor; pedir-lhe-á Ele, agora, que mude de opinião? Pergunta que, como vimos, provoca a revelação decisiva da intenção divina sobre Maria. Que ela consinta em receber no seu seio, pela acção do Espírito, o próprio Filho de Deus.

Quantas perguntas devem então ter surgido no espírito de Maria! Perguntas longínquas e perguntas próximas, dizendo-lhe pessoalmente respeito: Como será este Filho do milagre? Como se apresentará aos homens? Como realizará as esperanças que toda a gente põe no Messias esperado? Mas, primeiro que tudo, que me sucederá? Que honra me está reservada, visto que sou chamada à ser, milagrosamente, a mãe do Messias — Filho de Deus? Não serei a “dama mais considerada” em Israel? Mas, em face de José, qual será a minha situação? Que lhe hei-de dizer e como lhe hei-de explicar? Não irá ele conceber suspeitas e talvez me rejeitar?

Maria afasta todas estas perguntas, recusa-se a encarar o futuro, aceita ser tratada como Deus quiser, mãe venerada em Israel ou esposa repudiada pelo marido cheio de suspeitas... Maria abandona tudo isso nas mãos do seu Senhor.

Só uma coisa a preocupa: fazer o que Deus quer, e fazê-lo o melhor possível. A sua fé exprime-se numa obediência total, apaziguada e confiante: “Eu sou a escrava do Senhor”. Ao que ela dá o seu pleno consentimento, sem ver bem todas as suas repercussões numa vida doravante perturbada e mesmo abandonada ao im-

previsto, é a Palavra santa e soberana do seu Senhor: “Faça-se segundo a tua Palavra”. A adesão plenamente livre de Maria, que permite a Encarnação, é já a união da Mãe à obra do Filho:

“Maria, filha de Adão, consentindo na Palavra de Deus, torna-se Mãe de Jesus e, acolhendo de todo o coração, sem que nenhum pecado a retenha, a vontade divina de salvação, entrega-se a si mesma integralmente, como a escrava do Senhor, à pessoa e à obra do seu Filho...” (Vaticano II, *Lumen Gentium*, n.o 56).

### 3. O Magnificat

Quando alguns dias ou semanas mais tarde, Maria encontra a sua prima Isabel, a velha mulher que traz em si João Baptista felicita-a pela sua fé. E é bem isso o que irradia nela, depois do seu encontro com o anjo: “Bem-aventurada a que acreditou: há-de cumprir-se o que lhe foi dito da parte do Senhor!”

Como agradecimento, Maria canta o admirável Magnificat, em que ela exprime toda a sua gratidão. Mas, ao contrário do cântico de Ana, mãe de Samuel (1

Sam. 2,1-10), em que o poema de Maria se inspira, o Magnificat realiza a perfeição de não pôr em causa aquela que o canta. Ana triunfava, sem muita modéstia, dos que a tinham injuriado; Maria só olha para Deus, esquece-se de si mesma, reconhecendo-se apenas como humilde destinatária dos dons de Deus: “Ele olhou para a sua humilde serva... o Todo Poderoso fez em mim grandes coisas...”

O Magnificat só se ocupa de Deus, da sua fidelidade às suas promessas, da sua atenção aos pobres e aos pequenos, que ele exalta em detrimento dos ricos prouçosos e poderosos. Poema de uma contemplativa, de tal modo perdida na admiração da grande obra de Deus que parece esquecer-se de si mesma.

E, quando Maria acaba de cantar a acção de graças dos homens, de todos os homens, já destinados à salvação pela criança que ela traz em si, afadiga-se em humildes gestos de caridade, ao serviço daqueles a quem veio ajudar num momento difícil, com o seu carinho e o seu trabalho: “Maria ficou com Isabel cerca de três meses, e depois voltou para casa”.

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) Quando pensamos em Maria, somos mais sensíveis à sua fé obediente, à sua tranquila humildade... do que ao esplendor todo poderoso que facilmente a piedade popular venera? A insistência do Concílio sobre a fé de Maria parece-vos trazer qualquer coisa de novo, ou pelo contrário, confirmar o que pensáveis espontaneamente, ao ler o Evangelho?

2) Os imprevistos da nossa vida... pessoal, familiar, profissional, não serão “sinais de Deus”? Será necessário compreender todo o seu significado para os aceitarmos e os integrarmos na nossa oração? Maria ficou surpreendida e mesmo “perturbada” com as palavras do Anjo. Teremos de nos admirar de que nós mesmos por vezes nos sintamos perturbados, confundidos ou tentados à revolta? Contanto que saibamos recobrar a nossa calma e tentar, na oração, aceitar o que nos faz sofrer? Não pode o exemplo de

Maria ajudar-nos a dominar, com confiança (mas muitas vezes não sem dificuldades), as apreensões relativamente a um futuro que passamos demasiado tempo a imaginar?

3) É assim tão difícil, depois das coisas sucederem, reconhecer a acção de Deus nos acontecimentos desconcertantes e imprevistos? É sem dúvida a fé que os interpreta, e é preciso tempo para, quando por fim a paz descer sobre nós, podermos cantar, com o coração ainda dolorido, o nosso Magnificat. Não será uma graça a implorar por intercessão de Maria?

4) “Deus é fiel às suas promessas” (Lc 1,54-55), canta Maria. Crer nesta fidelidade, mesmo quando ela se não mostra com evidência, é o fundamento da esperança cristã: lugar desta virtude na nossa vida...

EQUIPAS  
DE NOSSA SENHORA

## MARIA E JOSÉ

«José, filho de David, não tenhas receio de tomar contigo Maria, tua esposa»  
(Mt. 1,20)

### 1. O anúncio feito a José (Mt 1,18-24)

Segundo S. Mateus, atento ao papel assumido por José relativamente a Jesus, um “anjo do Senhor” avisa José da concepção miraculosa de Maria e pede-lhe que “a tome consigo”.

A intenção de Mateus é esclarecer a missão confiada a José: cabe-lhe mostrar em Jesus o “filho de David”. Não é por geração carnal que Jesus será descendente de David, mas pela adopção leal daquele que o Evangelho não temerá chamar “seu pai” (Lc. 2,48): Jesus é filho de David, porque filho adoptivo de José. Tal é o objectivo preciso do que S. Mateus nos quer fazer compreender.

“Mateus apresenta este ensinamento num relato que é formado (não inventado) a partir do género literário das anunciações. Como Abraão (Gén. 17-18), José recebe o anúncio dum filho dado por Deus” (X. Léon-Dufour, *Études d'évangile*, p. 77). Mas, no caso de José, o mensageiro de Deus revela a concepção virginal do menino, de que José é convidado a constituir-se “o pai”.

Este aviso liberta José duma grave inquietação: legalmente, ele devia “repudiar” Maria; mas o respeito que tem por ela impele-o, “para não a difamar publicamente”, a despedi-la em segredo. Solução generosa, mas que esbarra com dificuldades facilmente previsíveis: “O caso entrará inevitavelmente no domínio público, pelo menos quanto aos paren-

tes da esposa. O despedimento em segredo seria portanto ilusório, a não ser que se admitisse que, tendo já tomado a sua esposa consigo (o que contradiz o Evangelho), José assumisse de qualquer modo a responsabilidade da paternidade da criança a nascer” (P. Grelot, art. “Joseph”, *Dict. Spir.* VIII, col. 1297).

Instruído pelo anjo de que “o que se gerou em Maria vem do Espírito Santo”, José, resolutamente, “fez o que o anjo do Senhor lhe tinha prescrito: tomou consigo sua esposa, mas não a conheceu”.

Discreto o mais possível sobre este episódio delicado, e pouco preocupado com psicologia, o primeiro Evangelho não permite de modo algum imaginar o que terão sido, nesse momento importante, as confidências de Maria àquele que assumia a paternidade do seu filho. Mas podemos facilmente imaginar o acordo profundo de Maria e de José, unindo a sua vida por Jesus. A atmosfera deste acordo é de silêncio e de submissão total à vontade de Deus. A única resposta de José à mensagem do anjo, que nos é referida em Mateus, é uma aquiescência de facto: “tomou-a consigo”. Assim como Maria, na Anunciação, acolheu o Filho de Deus, José toma a responsabilidade paternal do filho de David:

“É em nome da descendência de David, em nome de Israel, como delegado do povo eleito, que José o justo perante a ordem divina, acolhe o mistério da nova Aliança. Se Lucas, evangelista de

Maria, conta a concepção e o nascimento do filho da Virgem, Mateus relata o nascimento do Messias, filho de David" (X. Léon-Dufour, *op. cit.*, p. 80).

## 2. José e Maria por Jesus

A partir da dupla mensagem de Deus, transmitida pelos seus anjos, uma união profunda se estabelece entre Maria e José. A vida em comum é o sinal duma comunidade profunda dos corações, sob o olhar de Deus, cuja vontade eles realizam juntos.

Para bem compreender o papel atribuído a José, é necessário recordarmos da importância, entre os judeus, da paternidade legal: o pai, na estrutura social do povo eleito, era tudo, pois que, por ele, os filhos eram integrados na descendência de Jacob - e, no caso privilegiado de José, na descendência do grande rei David. Todas as decisões familiares eram tomadas pelo pai, e era a ele que pertencia a responsabilidade da educação dos filhos. Na família judia, a mãe contava pouco, pois que o pai podia mesmo repudiá-la, nos casos previstos pela Lei. Donde a importância paradoxal de José, em relação a Jesus, por quem ele é, à face da Lei, o único responsável...

Mas, de facto, é numa cordialidade de profundo afecto que José e Maria se preparam para acolher Jesus. A sua união, sob o olhar de Deus, está polarizada no filho que esperam; e, ao longo dos anos de Nazaré, será ele ainda que cimentará o amor profundo em que Jesus há-de crescer. O Evangelho de S. Lucas mostra-nos José associado a Maria em todos os episódios da infância de Jesus: nascimento, circuncisão, apresentação no templo. episódio dos doutores, volta para Naza-

ré. Jesus apresenta-se como o filho desse casal, de que ele é a razão de ser. E meditaremos, a propósito da "vida oculta em Nazaré", sobre o papel educativo que José exercerá relativamente a um "filho" a quem ensinará o seu mister (Mt. 13,55).

E foi "por Jesus", exclusivamente e com todo o afecto, que o "casal" de Maria e de José se constituiu e, ao longo dos anos, aprofundou a sua unidade. Daí "o paradoxo dum amor conjugal que implica o apelo à virgindade dos esposos... A vocação particular de José e de Maria nos desígnios de Deus canalizou as forças vivas da sua sexualidade para a colocação no mundo e a educação de Jesus" (P. Grelot, *loc. cit.* col. 1300). O significado da continência voluntária, pelo Reino de Deus, surge duma maneira maravilhosa: permite um dom total aos outros. Maria e José uniram a sua afectividade, da mesma forma que as suas dificuldades e o seu trabalho, para que Jesus nos fosse dado, Filho de Deus concebido do Espírito Santo, mas também filho do homem, que nasceu e cresceu numa verdadeira família humana, sustentado pelo afecto solícito de pais que renunciaram, por Ele, na fé da Palavra, a qualquer outra realização de vida conjugal.

## 3. José "homem justo" (Mt 1,19)

A expressão do Evangelho levou numerosos comentadores a procurar determinar como é que José verdadeiramente cumpriu a Lei. A letra impunha-lhe o dever de "repudiar" Maria, grávida sem ser dele. Mas Deus interveio e, sugeriu-lhe, por assim dizer, o subterfúgio duma

posição falsa, visto que se comporta como pai dum filho que não é seu. Como diz o P. Léon - Dufour, não é preferível pôr a "justiça" de José na sua obediência total à vontade de Deus? José é "justo" porque aceita o papel desconcertante que lhe é reservado no cumprimento do plano divino da salvação:

"José não é apenas um modelo de virtude, mas o homem que desempenhou um papel indispensável na economia da salvação. José, o justo, pode ser comparado a João, o precursor. João anuncia e designa o Messias; José acolhe o Salvador de Israel. João é a voz que se faz eco da Tradição profética; José é o filho de David que adopta o Filho de Deus. Pela sua proclamação oficial, João é Elias, o grande profeta; pelo humilde acolhimento que dá ao Emanuel na sua linhagem, José é o justo por excelência. Como todos os justos, espera o Messias (cf. Lc. 2,25), mas só ele recebe a ordem de lançar uma ponte entre os dois Testamentos..." (*op. cit.*, p. 81).

Mas esta "justa" obediência à ordem desconcertante de Deus, que vem perturbar a sua vida, é cumprida por José unindo a sua existência a Maria: é num amor infinitamente respeitoso que ele será justo. E este amor, totalmente polarizado em Jesus, dará à sua "justiça", ao mesmo tempo, um carácter decisivo de consentimento na vontade de Deus, e uma realização afectuosa de dedicação

àquela que traz o Enviado do Senhor. Longe de ser, como nos antigos profetas, rude e insolente, a "justiça" de José é delicadamente afectuosa, marcada de respeito por Maria. Protegendo Jesus e a sua mãe, José conhece a alegria discreta, desinteressada e orante, de empregar as suas forças no serviço de Deus, consagrando-se ao serviço daqueles que partilham a sua vida, que enchem o seu lar...

A "justiça" de José é, finalmente, uma vida de fé integralmente submissa a Deus. Mas seria falso ver na sua atitude uma simples renúncia dum obediência de submissão sem compreender. O mistério que essa obediência realizava foi-se tornando de cada vez mais íntimo ao olhar orante de José; ele não cessou de o aprofundar, na alegria dum Magnificat, que a seu modo murmurava incessantemente. "Por nós, Ele fez grandes coisas. Santo é o seu nome!" Deus faz tudo, e a felicidade de José é ser executante da sua vontade. Mas Deus actua pelas suas criaturas: José bem o sabe e abençoa o Senhor, contemplando, no Natal, ou a caminho do Egipto, e mais tarde em Nazaré, esse Filho de Deus que ele tem o direito de chamar seu filho. A alegria do justo José está em ser, com a consciência da responsabilidade e da exigência dessa tarefa, o "pai adoptivo" do Filho de Deus, aquele que lhe deu o seu nome (Mt. 1,21)!

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) Esta apresentação do "casal" de Maria e de José talvez seja motivo de admiração. Será bom discuti-la livremente e exprimir opiniões.

2) Ela põe a questão do filho no lar. Fruto e bênção da união conjugal, o filho reúne de certo modo em si, e por si, o amor que os esposos têm um ao outro. Sem entrar em discussões teóricas sobre os “fins do matrimónio”, parece que o tema propõe aos casais que ponham em comum a sua experiência e a sua reflexão: sobre o filho desejado, acolhido, rodeado dum afecto solícito. Por outro lado, não haverá nisso, por vezes, um perigo de açambarcamento, prejudicial tanto a um certo equilíbrio afectivo, como à educação do filho? Talvez a vossa atenção recaia sobre o caso dos filhos adoptados...

3) José “o justo” é um modelo de obediência. A vontade de Deus manifesta-se-lhe por “um sinal”, e ele esforça-se por achar a conduta “justa”: fidelidade à lei e respeito por Maria. Deus apenas intervém depois de José ter reflectido e procurado... A obediência não é uma passividade, mas uma busca e uma iniciativa. E Deus pede-nos que assumamos as nossas responsabilidades... Transcrição para o concreto das nossas vidas cristãs...

4) José não se furta à sua missão, mas exerce-a com uma discrição notável: está sempre “à margem do quadro”. E cala-se! Reflexões que esta atitude nos inspira.

## NATAL

«Hoje vos nasceu um Salvador, que é o Cristo Senhor...» (Lc. 2,11)

### 1. O recenseamento de Quirino (Lc 2,1-7)

Os meses passam e Maria deve experimentar os sentimentos de toda a mãe que espera o seu primeiro filho: à medida que as semanas decorrem, uma impaciência doce, misturada a alguma angústia, enche o seu coração. Mas, ao mesmo tempo, cresce a sua confiança e o seu abandono a esse Deus que lhe confiou o seu “servo”. Jesus, que deu ao seu futuro Precursor a alegria, concede à sua mãe uma paz sempre mais profunda.

Mas eis que acontecimentos imprevisíveis perturbam a casa de Nazaré, onde decerto já tudo estava pronto para acolher o menino. Uma ordem longínqua, mas imperativa, de “César Augusto” impõe um recenseamento a todo o império. Submetida e ocupada, a Palestina não podia escapar a esta mobilização dos povos de que César se dizia chefe: cada qual deve “fazer-se recensear na sua própria cidade” — isto é, na cidade de onde a sua família era originária. “Pertencendo à família e à descendência de David”, José teve de partir para a longínqua Belém, “com Maria sua esposa, que estava grávida”. Pode adivinhar-se que perturbação esta ordem imprevista, que não admitia delongas, trouxe à tranqüila espera de Maria. A piedade cristã gosta de imaginar esse longo trajecto, por caminhos cheios de gente, com paragens de quando em quando em hospedarias, em que os ricos eram bem acolhidos e os po-

bres atirados para os cantos...

Muitos protestavam e se irritavam contra o estúpido decreto do Imperador. Maria permanecia silenciosa, orante e doce...

À chegada a Belém, é a afronta: “não há lugar para eles na sala de hóspedes”. “Para eles”: os pobres são os primeiros afastados quando falta lugar. O estábulo tradicional, talvez uma dependência da hospedaria onde metiam os animais, será o cenário do nascimento do Filho de Deus: “Ela pousou-o numa mangedoura”, diz simplesmente S. Lucas.

É doloroso evocar o sofrimento e a angústia de Maria, no desconforto, na obscuridade e na imundície; mas é preciso compreendermos que luz íntima permite a Maria aceitar sem protestar essa recusa das pessoas de Belém; ela compreendia então o que tinha cantado no seu Magnificat: a atenção de Deus pelos pobres, a sua predilecção por aqueles que os homens desprezam. A preferência celebrada nos Salmos encontra nessa noite uma realização significativa: era preciso, diz Santo Inácio, “que o Senhor nascesse na extrema pobreza”. E na solidão...

Perturbada, de manhãzinha, por gritos de alegria: prevenidos pelos anjos, e pouco preocupados aliás por perturbar o repouso descuidado dos notáveis da cidade de David, alguns pastores souberam da “boa nova”. Na sua simplicidade, que não se admira de que um “Salvador”

nasça num estábulo, “vêm ver o que sucedeu”. Primeiros adoradores, os pobres. que as pessoas de certa condição social desprezavam: os ciganos da época! E, quando partiram, Maria mergulha no silêncio da oração: “Maria fixava todos estes acontecimentos e meditava-os no seu coração.”

## 2. A oração de Maria

Na alegria do seu reconhecimento, Maria “realiza” a missão que lhe foi confiada. Muitas vezes as palavras do arcanjo e a sua referência à Escritura lhe vieram à memória. “Coberta pela sombra do Altíssimo” e, portanto, nova arca da aliança, Maria compreende, na admiração da sua fé, o mistério do Menino que ela adora, e o seu próprio mistério de “Mãe de Deus”; uma luz penetrante ilumina e vivifica a sua fé: tem nos braços o seu filho e o seu Deus. “Como será possível?...” Maria não poderá dizê-lo distintamente, agora que o anúncio angélico se cumpriu. Mas é uma realidade... e aquele bebê que aperta contra o seu coração Maria sabe na fé que é, no verdadeiro sentido, Emanuel: Deus conosco... A sua ternura de jovem mãe é penetrada de adoração, e vivificada pela certeza da realização das promessas feitas a Abraão e à sua raça, para sempre...

E Maria revê — talvez até trocando algumas palavras com José, que depois de ter ajudado a sua esposa se conserva agora num canto, rezando também, e compreendendo melhor o paradoxo da sua situação — os recentes acontecimentos: a partida inesperada de Nazaré, o caminho e o que nele sofreu, a expulsão da hospedaria, e a necessidade em que se viram de se refugiarem na estrebaria... Compreende que era preciso que nas-

cesse na pobreza Aquele que devia salvar os homens pelo seu sofrimento; Maria percebe agora todo o sentido do grande poema de Isaías: “Pelos seus sofrimentos o meu Servo justificará multidões, e tomará sobre si as suas faltas” (Is. 53,11)...

E Maria compreende que o seu Filho a associa desde já ao seu sofrimento. Dizia-se, à sua volta, que a mãe do Messias esperado seria bem-aventurada, cheia de consideração e de prestígio (cf. Lc. 11, 27). Nesta hora, Maria sabe que o seu destino não é ser uma “grande dama” em Israel. A sua modéstia não esperava tanto; mas agora vê que lhe será pedido que tome lugar entre os pobres... E sente nisso uma alegria profunda: porque “Deus enche de bens os que têm fome, despedindo de mãos vazias os ricos”... E adivinha já, no seu coração, a bem-aventurança que Jesus proclamará no começo do sermão da montanha: “Felizes os que têm um coração de pobre” (Mt 5,3).

A noite de Natal dá ao coração de Maria a dimensão de um coração de pobre, fraternal para com esses pobres rústicos e generosos a quem os anjos encarregaram de prestar ao Senhor as primeiras homenagens...

A oração silenciosa de Maria prossegue longamente, enquanto, através de Belém, pastores, mal acolhidos, espalham estranhas notícias: Deus na verdade escolheu mensageiros curiosos, e as autoridades constituídas admiram-se de não serem prevenidas senão por um rumor inconsistente espalhado por pastores “que viviam nos campos”...

## 3. A apresentação

Quarenta dias mais tarde, como fiéis observadores da Lei, José e Maria apre-

sentam no templo o seu primogênito: devia ser consagrado ao Senhor. O Novo Testamento evoca o oferecimento de Jesus "ao entrar no mundo": "Não quiseste sacrifícios; venho, Pai, cumprir a tua vontade" (Heb. 10,5-9). Com quanto fervor, com o menino nos braços, Maria se uniu a essa oração... Não é ela "a serva do Senhor" tendo por único desejo "fazer a sua vontade"?

Maria, nessa hora, não sabe como esse "filho de David" que tem nos braços vai cumprir a sua missão. Aceita esta ignorância, pronta a fazer o que Deus lhe pedir: a sua fé inspira-lhe uma disponibilidade total... Maria saberá esperar. Segundo o Evangelho, "o pai e a mãe do menino estavam admirados das coisas que dele se diziam" (Lc. 2,33). É na paz da sua confiança, sem curiosidade e sem agitação, que Maria vai ouvir a espantosa predição do velho Simão, dirigida só a ela:

"Ele está destinado a ser uma causa de queda e ressurgimento de muitos em Israel, e ser sinal de contradição. E uma espada trespassará a tua alma..." (Lc. 2, 34-35).

O que Maria pressentia, desde o Natal, é-lhe agora sugerido. Longe de fazer a unidade do seu povo, impaciente pela libertação, o seu Jesus dividirá os corações: como sinal da benevolência divina,

será contraditado... E a sua Mãe sofrerá com ele. Predição misteriosa, quanto ao seu conteúdo, quanto às modalidades e ao tempo da sua realização, quanto ao desmentido trazido à expectativa do Libertador... Maria não se preocupa em prever o que irá suceder ao seu filho e a ela. Silenciosamente, consente de antemão em tudo o que Deus lhe quiser pedir. Mas sabe já que Ele sofrerá e será contraditado, e que ela sofrerá profundamente por causa dele. Aperta-o com mais força contra o coração, unindo-se de antemão à aventura redentora, para ocupar o lugar que Deus lhe destinou. Realiza-se já "a cooperação livre da fé e da obediência de Maria na nossa salvação" (Vaticano II, *Lumen Gentium*, n.o 56).

Quando o modesto casal do carpinteiro de Nazaré sai do Templo para voltar para a sua aldeia, a mãe sabe que o seu Filho terá muito que sofrer, e consente em partilhar o seu sofrimento, como Deus quiser e da maneira que ele o decidir. E José, respeitando o seu silêncio, consente, mais uma vez, em ser o tutor desse Messias do qual lhe acaba de ser mais anunciada a contestação do que o triunfo... A admiração produzida pelas palavras de Simeão transformou-se, nos pais de Jesus, em apreensão dolorosa. Mas a sua fé disse um sim confiante...

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) A serenidade de Maria nas horas dolorosas do Natal não nos convidará, calmamente, a reflectirmos nas inquietações acerca do presente e sobretudo acerca do futuro da nossa vida familiar? O seu exemplo não nos convidará à confiança, fundada e firmada na oração? Será preciso também que determinemos em que consiste essa confiança: disposição interior e não despreocupação ou indecisão...

2) A pobreza do Natal, do “verdadeiro Natal”, não nos obrigará a reflectir na maneira como nas nossas famílias e à nossa volta se vive o dia 25 de Dezembro? A nossa civilização, paganizando o Natal, faz dele facilmente “a festa da comezaina”: como devemos reagir, sem ostentação nem fariseísmo, sobretudo perante os nossos filhos?

A reacção cruel, mas que faz reflectir, de um dos ‘loubards’ de Guy Gilbert, padre que se dedica aos adolescentes que vadiam nas ruas. Ele explicava-lhes: “Jesus quis nascer num estábulo para mostrar a todos os que são desprezados que ele é seu irmão”. O rapaz reflecte e depois exclama: “Então, vocês roubaram-nos o Natal” (*Un prêtre chez les loubards*. Stock, 1978, p. 120).

3) Ao longo dos mistérios da infância, Maria está atenta aos “sinais de Deus”: medita-os na oração que S. Lucas evoca (2,19-51). Não teremos também na nossa vida “sinais de Deus”? Decifrá-los na oração, é dispormo-nos a compreendê-los com calma, e a obedecer ao chamamento do Senhor. Não será uma componente importante do nosso “dever de se sentar”?

## Nazaré — Os anos obscuros de Jesus

«Hão-de chamar-lhe Nazareno» (Mt. 2,23)

### 1. Maria em Nazaré

A seguir à Apresentação, segundo Lucas — após o regresso do Egipto, segundo Mateus —, começam os “anos obscuros de Jesus”, para usar a bela fórmula de Robert Aron. Trinta anos, de que nada se saberá: Lucas, copiando aliás as fórmulas do relato da infância do profeta Samuel (1 Sam 2,26), diz-nos essa banalidade de que o menino “crescia e robustecia-se” (2,40), “progredia em sabedoria e em estatura” (2,52) e que obedecia aos pais.

Crescimento sem história dum Deus que quer identificar-se com as outras crianças — e conhecer o lento crescimento em família! A piedade cristã, unindo reflexão e piedosa imaginação, meditou longamente no mistério de Nazaré!

Será permitido imaginar os sentimentos de Maria? Ela conheceu a alegria discreta da mãe que ajuda o filho a crescer e a tornar-se um homem. Como qualquer outra mãe, Maria ensinou Jesus a pôr-se em pé, a dar os primeiros passos, a exprimir-se hesitantemente nesse aramaico então falado na Palestina, e que derivava da língua em que Israel lia e ouvia a Palavra de Deus. Criança semelhante às outras, Jesus recebeu de sua mãe a tradição do seu povo, os gestos e as palavras da oração judaica — e, logo que pôde, aprendeu dela os belos salmos que o anunciavam...

Mas esta alegria, através das ocupações domésticas e maternais, intensificava-se em adoração. A fé de Maria sabe que o seu filho é o seu Deus, “aquele que o Pai enviou ao mundo”. Maria vê realizado no seu filho o desígnio divino de salvação exaltado no Magnificat. Não imaginemos uma espécie de oposição ou de dualidade, entre o sentimento da mãe e a acção de graças da criatura. O coração maternal de Maria é o da testemunha privilegiada da Encarnação (em que ela está integrada, desde o encontro do anjo da Anunciação). E a oração da criatura exprime-se na alegria da mãe cujo filho “crescia e se fortalecia”. A liturgia exprimiu numa fórmula magnífica o mistério vivido em Nazaré, durante trinta anos, pela Mãe de Jesus: “O teu Filho é o teu criador, ó sempre Virgem” (*Genuisti qui te fecit et in aeternum permanes virgo*).

Mas à fé de Maria suscita-se, inevitavelmente, uma pergunta: porque é que o Salvador do mundo se demora tanto tempo na obscuridade de Nazaré? Porquê tantos anos humanamente perdidos? Quando é que ele vai começar a sua obra? Decerto que Maria não partilha a ilusão dos seus contemporâneos, imaginando o Messias como um Libertador preparando secretamente a sua rebelião e, chegada a hora, lançando-se ao assalto das posições romanas... Mas, enfim, não será preciso uma coisa diferente de pregar tábuas e reparar tectos? O quê, precisamente? Qual será o seu ensinamento, já que deve ser testemunha da fidelidade das

promessas divinas? Fará milagres? Congregará multidões?... Jesus não diz nada, agora que se tornou adulto, e Maria não o interroga. Confia nele e, em paz, aguarda a hora do seu Filho...

## 2. E José?...

O Evangelho mostra-nos Jesus conhecido pela multidão (sobretudo galileia: conhecem-se bem na sua terra!) como o “filho do carpinteiro” (Mt. 13,54), “ele próprio carpinteiro” (Mc. 6,3). José, certamente, ensinou a Jesus o seu mister, e formou-o para que lhe sucedesse.

O papel de José foi insubstituível; desempenhou junto de Jesus, para a sua formação de homem, o papel de pai:

“A psicologia dinâmica... mostra que a personalidade forma-se, ao longo da infância e da adolescência, graças aos laços de relações em que o pai e a mãe desempenham um papel essencial... Foi na intimidade familiar da sua relação com José que Jesus aprendeu a dizer: “Abba, Pai” antes de explicitar a sua relação com Deus com a ajuda da mesma expressão... Insiste-se, com toda a razão, no facto de que a relação de pai para filho se enlaça na dupla “palavra de reconhecimento”, em que o pai manifesta ao filho a sua paternidade real (que nunca é uma evidência imediata) e o filho corresponde à autoridade e ao amor assim manifestados. Ora, é isso mesmo que S. Lucas permite entrever entre José e Jesus...

“Cairíamos num docetismo inconsciente se afastássemos, no caso de Jesus, o reconhecimento da autoridade paterna exercida por José, e que se exprime sob a forma duma lei: é por isso que o comportamento de Jesus no templo é incompreensível para os seus pais (Lc. 2,50). Mas o pai é também o amor protector,

cuja presença constitui para o filho, deper-si, uma espécie de promessa de futuro: Jesus *identificar-se-á* tão bem com José, o carpinteiro, que ele próprio se tornará carpinteiro (Mc. 6,3). Não é em vão que Lucas anota a submissão de Jesus aos pais (2,51): a sua aprendizagem da vida de homem não passou somente por uma ocultação paradoxal no silêncio e na obscuridade, indício do aniquilamento do Filho de Deus que assumiu o aspecto do escravo (Filip. 2,7). Passou também por essa submissão a um pai, cuja presença simbolizava para ele a do Pai do céu e que constituía um ideal vivo de virilidade adulta, e a uma mãe, que evocava concretamente a Comunidade-mãe no seio da qual ele nascera” (P. Grelot. ‘Joseph’, *Dict. de spiritualité*, VIII, col. 1294-95).

José e Maria, como dissemos, para fazer a vontade que Deus lhes comunicara, uniram a sua vida por este menino, o Filho de Deus, que seu Pai lhes confiara: o exercício concreto, no esforço conjugado da formação humana dele, situa-se em Nazaré.

E José, quando Jesus atingiu a idade (pelos 12 anos) em que a tradição judaica fazia da criança um “sujeito da Lei”, tornou-se perante a comunidade o responsável da fidelidade do seu filho. Maria tinha ensinado a Jesus a oração judaica, nomeadamente esses Salmos que Jesus citaria tantas vezes; José, por sua vez, ensina-lhe a fidelidade à Lei dada a Moisés — e Jesus nunca a renegará, dócil aos exemplos, mais ainda do que os preceitos, do seu pai adoptivo: “Não vim abolir a Lei, mas dar-lhe pleno cumprimento” (Mt. 5,17).

## 3. Jesus no Templo

E contudo é aos doze anos, no mo-

mento em que se tornava sujeito da Lei, que Jesus pratica esse acto que seus pais, mal refeitos da sua inquietação, não compreenderão (Lc. 2,41-50). Escapada de garoto?... a hipótese não concorda de modo algum com o Evangelho. Jesus, preludando o afastamento voluntário que há-de acentuar relativamente à sua família (Mc. 3,31-35; Lc. 11,27-28), manifesta que a sua missão exige uma preferência: “Não sabíeis que eu tenho de estar em casa do meu Pai?” Jesus admira-se de que seus pais o não tivessem compreendido: “Porque me procuráveis?” A sua resposta à queixa afectuosa da mãe não envolve uma desculpa do seu gesto. Ao afecto que, espontaneamente, gostaria de o encerrar no círculo familiar, Jesus opõe o serviço do Pai e a incondicional distância que ele exige.

Com isso Jesus ensina os seus pais — sobretudo à sua mãe, segundo parece — um desapego afectivo, que é um componente da verdadeira educação. Espontaneamente, o amor da mãe é “captativo”; o Filho de Deus forma a sua mãe amantíssima para um amor “oblativo”: ela deve prepará-lo para a sua missão. Depois da surpresa do choque, Maria, na oração (cf. Lc. 2,51), compreenderá que a sua vocação exige que o seu coração esteja aberto a todo o sofrimento e a toda a miséria dos homens:

“Maria, disse Paulo VI, não aparece

como uma mãe ciosamente voltada só para o seu divino Filho, mas como aquela mulher que, pela sua acção, favorece a fé da comunidade primitiva em Cristo (cf. Jo. 2,1-12), e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais” (Carta *Marialis cultus*).

Jesus, nessa hora, como na vida pública, não poupa os seus pais: se se mostra obediente, ao voltar para Nazaré depois desse dia doloroso, isso não sucede senão depois de ter manifestado qual é a fonte dessa obediência: o Pai celeste, em cuja casa “ele tem de estar”.

A fé de Maria, já forte no Natal, já orientada na Apresentação para um futuro doloroso, recebe nesta hora uma purificação indispensável. Quem me quiser seguir, dirá Jesus, tem de tomar a sua cruz (Mc. 8,34). Fá-lo compreender a Maria, impondo ao seu amor, a fim de o tornar verdadeiramente desinteressado, o aprofundamento que acompanha a perda e a busca aflita do Menino sobre o qual se concentrava todo o seu afecto.

Nazaré não é, por mais doce que seja a vida de oração e de união que aí se leva, um lugar bendito onde fazer alto: já nele se projecta o Calvário. Não teria sido necessária, a fim de preparar Maria para lá se manter de pé, a dolorosa experiência de Jesus perdido no Templo?

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) As questões que nos suscita a “vida oculta” de Jesus não parecem “cobrir” toda a vida familiar, toda a educação dos filhos? Não convirá, para uma frutuosa troca de impressões, que nos esforcemos por as não suscitar todas ao mesmo tempo, limitando-nos, de comum acordo, a alguns problemas fundamentais, como tais julgados pelos participantes? E sobretudo procurando evitar uma certa propensão para nos “culpabilizarmos”, evocando o que nos parece um fracasso ou um passo em falso? É com a sereni-

dade de Maria, aceitando a rude experiência de Jesus no Templo com toda a humildade, que parece conveniente abordar esses problemas, entre pais cristãos...

2) Com toda a sinceridade confiante (em Deus e na nossa amizade), não vemos que se chama a nossa atenção para o papel conjunto e harmonioso do pai e da mãe na formação humana e cristã dos filhos que Deus nos deu? Em Nazaré, Jesus quis ser “educado” por Maria e José. Como tirar proveito desta divina experiência, tão próxima da nossa?

3) O episódio de Jesus no Templo reterá sem dúvida a nossa atenção e estimulará a nossa troca de pontos de vista: a lucidez que ele sugere sobre a tendência maternal para “se concentrar sobre o seu filho”, e daí para um afecto “captativo”, não nos levará a uma reflexão serena, mas esclarecedora? Como podem os dois pais entreeajudar-se e, por assim dizer, defender-se mutuamente dum afecto monopolizador?

4) Não somos nós estimulados a reflectir sobre o significado dos “desvios” (em palavras, se não em gestos) dos nossos adolescentes? Não será preciso escutá-los, fazê-los falar, antes de os repreender? O comportamento educativo não deverá aliar a firmeza indispensável a uma simpatia que compreenda, sem necessariamente desculpar? E isso, num clima de oração e de confiança em Jesus e em Maria?

## CANÁ E A VIDA PÚBLICA

«A minha hora ainda não chegou» (Jo. 2,4)

### 1. As bodas de Caná (Jo. 2,1-12)

Entre a “vida oculta” de Nazaré e o começo do ministério de Jesus, há, nos Evangelhos que relatam os factos da sua infância e da sua juventude, um “suspense” bastante surpreendente: não se sabe como Jesus deixou sua mãe e se manifestou como profeta na Galileia, “sua terra natal”. Significativos, pelo que respeita à tradição bíblica, os primeiros episódios da “vida pública”: o baptismo recebido de João, jejum no deserto... não estão ligados à vida anterior. Uma referência de Lucas informa-nos acerca da idade em que começou a ensinar, permitindo-nos conhecer a duração excepcional dos anos de Nazaré: “Quando Jesus começou o seu ministério tinha cerca de trinta anos, e era tido por filho de José” (Lc. 3,23).

Maria desaparece; as raras ocasiões em que será notada a sua presença sublinham a discrição, querida e mesmo exigida por Jesus... No entanto, o quarto Evangelho mostra-a presente nas bodas de Caná (Jo. 2,1-12).

O episódio é bem conhecido e sabe-se qual o papel de Maria nesse primeiro milagre, que determinou a fé dos discípulos (v. 11). E, no entanto, observando bem o texto, aparecem reais dificuldades.

Claramente, e para simplificar, há uma contradição no relato de S. João: a Maria, que chama a sua atenção para a situação embaraçosa dos esposos (“eles não têm

vinho”), Jesus responde com uma recusa. A fórmula bíblica que ele emprega (literalmente: que tenho eu e tu a ver com isso?) manifesta um desacordo. Jesus alega que “a sua hora ainda não chegou”. E no entanto dá satisfação à sua mãe, fazendo o milagre...

Mas Maria pediu de facto um milagre? Não lhe bastava chamar a atenção do seu Filho, confiando plenamente nele? É isso que se deduz da recomendação feita aos criados: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. De entre as numerosas interpretações propostas, pareceu-nos preferível imaginar que a confiança de Maria não quer formular um pedido determinado; mesmo ela ainda não tem a experiência dos milagres que Jesus, dentro em breve, vai espalhar em abundância.

Mais importante é a frase enigmática de Jesus: “A minha hora ainda não chegou”. A hora de Jesus será a hora da Paixão (cf. Jo. 13,1). Jesus como que marca um encontro com a sua mãe “a essa hora”, como mostrará o quarto Evangelho (19,25) notando a presença de Maria ao pé da cruz. A ligação assim estabelecida esclarece o significado do milagre de Caná: ele toma todo o seu sentido em relação ao sacrifício de Jesus, que de certo modo anuncia e prefigura: o vinho de Caná é um sinal eucarístico antecipado. Já a nova Aliança, “no sangue de Jesus” (a água transformada em vinho é a das purificações dos Judeus, portanto da antiga Aliança, e o milagre marca a sua caducidade), se desenha no “sinal” que Jesus faz (v. 11). E a intervenção de

Maria, discreta e submissa, não lhe é estranha. A mãe atenta começa já a manifestar o que Maria será junto da cruz. Caná prepara a "hora" em que Jesus, plena e totalmente, há-de associar a mãe à sua obra redentora...

## 2. Jesus e os seus

No decurso da vida pública, Jesus encontra muitas vezes os membros da sua família; e entre eles se encontra Maria, claramente nomeada. Esses encontros são tensos: Jesus manifesta a sua vontade de independência, e não quer deixar-se monopolizar pela sua família. Para o compreendermos, é preciso lembrarmo-nos da ideia geralmente aceite: o Messias devia ser "o libertador de Israel" e, portanto, fazer os seus aproveitar do seu triunfo. Compreende-se desde logo que os parentes de Jesus, os mais próximos ("os seus irmãos" como dizem os Evangelhos, empregando o termo corrente para designar os parentes próximos), tenham querido conservar-se em estreito contacto com ele, para prepararem o futuro. Ora Jesus, preocupado unicamente em cumprir a vontade do Pai, e resolvido a desencorajar uma ambição temporal, uma mira política que era perfeitamente contrária à sua verdadeira missão, quer manter a sua independência. Daí, em cada encontro que relatam os Evangelhos, um choque entre Jesus e os seus: a recusa de Jesus em privilegiar Nazaré com os seus milagres e, por assim dizer, favorecer a sua terra natal (Lc. 4,23-30); coisas desagradáveis ditas pelos seus parentes a seu respeito (Mc. 3,21) e resolução tomada de "se apoderarem dele"; recusa de Jesus de "subir a Jerusalém" em companhia dos seus "irmãos", por altura da festa dos Tabernáculos (Jo. 7,3-9)...

Os três Evangelhos sinópticos relatam um episódio característico: Jesus, rodeado por uma densa multidão, ensina numa casa. Os seus parentes chegam e mandam-no chamar. Jesus recusa-se a aceder a isso, e parece negar os laços de parentesco:

"Dizem-lhe: a tua mãe e os teus irmãos estão aí fora a procurar-te. Ele responde-lhes: Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos? E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados à sua volta, diz: Eis a minha mãe e os meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é o meu irmão, a minha irmã e a minha mãe." (Mc. 3,32-35).

Maria estava lá, vinda com os outros parentes de Jesus. E é nomeada tanto pelos que anunciam a sua presença como por Jesus na sua resposta incontestavelmente dura... Pode facilmente dramatizar-se esta cena; mas mais vale tentar compreender os sentimentos de Maria e os de Jesus. A lição destina-se à multidão dos ouvintes: Jesus não poderia ceder a uma pressão familiar que se opusesse à sua missão. Para o seguir é preciso renunciar aos laços mais queridos (cf. Lc. 14,25-27): Jesus sentiu-se obrigado a dar o exemplo, e a não se deixar guiar pelos imperativos familiares, tão fortes no mundo judeu...

Maria, por caridade, talvez para evitar palavras ou gestos lamentáveis, consentiu em acompanhar os seus sobrinhos... Mas sem concordar com as suas intenções. Ela respeita a independência do seu Filho, sinal da sua missão: "Eu vim, Pai, para fazer a tua vontade" (Sl 40,8-9; Heb. 10,7). Imitando-o, ela preocupa-se unicamente com "fazer a vontade de Deus", e, por isso, é verdadeiramente "mãe de Jesus", bendita e reconhecida por Ele: não porque, fisicamente, o gerou, mas

porque comunga intimamente na sua obediência. Jesus não rejeita Maria, “serva do Senhor”, mas desliga-se dos laços simplesmente familiares, obstáculo à sua missão. Maria compreende-o tão bem que está de todo o coração com ele, insensível, há muito, à glória de “grande dama”, de que a tradição revestia a mãe do Messias...

### 3. A mãe do Messias contestado

À medida que passam os meses e a hostilidade se acentua contra Jesus, que desilude a esperança de um povo impaciente pela libertação, e que não respeita o sábado, conforme a vontade das autoridades (cf. Jo. 5,16), Maria compreende melhor que o seu Filho realize a sua obra na contradição: “É desprezado e considerado”, tinha dito o profeta (Is 53,3).

A recusa de Jesus de privilegiar pelos seus milagres a sua terra natal já tinha, sem dúvida, acarretado a Maria, nas ruas

de Nazaré, na fonte ou na sombra das portas, críticas e insinuações malévolas... Agora, é em toda a Palestina que se discute a seu respeito: ao entusiasmo dos pobres, que Jesus acolhe sem se enfadar, opõe-se o desdém dos poderosos e dos doutores. Tem parte com o demônio, murmuravam eles (Mc. 3,22), e já “se reúnem para achar meio de o fazer morrer” (Mc. 3,6). O projecto elabora-se lentamente, precisa-se, até ao dia em que será assumido pela mais alta autoridade: “Convém que um só homem morra pelo povo...” dirá Caifás, a seguir à ressurreição de Lázaro (Jo. 11,50).

Maria sabe tudo isso, e sofre silenciosamente, unida na oração e na aceitação Àquele que dará a sua vida “para reunir na unidade os filhos de Deus dispersos” (Jo. 11,52). O seu coração prepara-se para se unir à oblação do seu Filho. Quando chegar a hora, amadurecida pela experiência dolorosa dos anos do ministério de Jesus, Maria lá estará ao pé da cruz...

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) A nossa atenção é atraída para textos evangélicos talvez pouco conhecidos. Deve ser ocasião para uma leitura atenta, para responder à pergunta que surge espontaneamente: quais foram as relações de Jesus e de Maria durante a vida pública? É preciso notar que a mãe, geralmente, vê o seu filho adulto seguir a sua vida, exercer a sua profissão, sem interferir. Se Maria, discretamente, pelo seu pedido afectuoso, toma parte na “obra” do seu Filho, não será sinal de que Deus quis associá-la à nossa redenção, e entender sobre a sua Igreja uma maternidade que ultrapassa o mero plano de o conceber e dar à luz?

2) O episódio de Caná convida-nos a reflectir sobre o milagre evangélico (João fala de “sinal”: 2,11). Não apenas um prodígio, manifestando um “poder” extraordinário recebido de Deus, mas um “sinal”. A redacção do evangelista manifesta-o, sobretudo pela relação com a eucaristia, que completa, tornando-a caduca, a velha Aliança. Que significa, nesta perspectiva, o versículo final: “Manifestou a sua glória (sentido desta palavra) e os seus discípulos creram nele”?

3) As afeições familiares, tão legítimas e tão doces, não correm o risco, se não nos acautelarmos, de tenderem para o autoritarismo? Não é a razão da aparente dureza de Jesus, relativamente aos seus “irmãos” e à sua mãe? Uma mãe, bem intencionada mas imprudente, não se arrisca a interferir na expressão da personalidade do seu filho, a ser um estorvo e talvez um obstáculo? Como se deve unir a discricção à “presença”, a exemplo de Maria?

## O CALVÁRIO

«Mulher, eis aí o teu filho» (Jo. 19,26)

### 1. Maria ao pé da cruz

São João mostra Maria, de pé, junto da cruz (19,25), com sua irmã, mulher de Cléofas, e Maria de Magdala. O grupo indistinto das mulheres presentes no Calvário, mencionado pelos Sinóticos (Mc. 15,40-41; Lc. 23,49), define-se... Mas nenhuma explicação nos é dada sobre o que o precedeu. Quando é que Maria veio para Jerusalém? Estava presente na Ceia? Não o sabemos. A quarta estação da via sacra inspira-se em tradições orais das cristandades da Palestina. É decerto provável que Maria tenha seguido a marcha dolorosa do seu Filho, carregado com a cruz, em direcção ao Gólgota, sem dúvida no meio das mulheres que Lucas menciona (23,27-31)... Do que, porém, não restam dúvidas é do que a testemunha ocular que foi São João afirma formalmente (19,35): Maria estava lá, não subumbida como a imaginaram os pintores da Renascença, mas direita, corajosa e lúcida.

Ela honra o encontro que lhe fora marcado em Caná (Jo. 2,4). A “hora de Jesus”, então, ainda não tinha chegado. Quando ela vier, Jesus pede à sua mãe que esteja junto dele: “A mãe de Jesus estava lá.”

A presença de Maria ao pé da cruz significa a sua união à obra da nossa Redenção. Ao contrário de todas as outras testemunhas, Maria compreende o sentido da morte aceite por Jesus e que, pelo

seu sofrimento, ele dá-nos a salvação, em amorosa obediência à vontade do Pai: “Deus não poupou o seu próprio Filho, antes o entregou por nós todos” (Rom. 8,32). Livremente (cf. Jo. 10,17-18), Jesus fez-se “obediente até à morte, e morte na cruz” (Filip 2,8), a fim de que “pelas suas chagas fôssemos curados” (1 Pe. 2,24).

Maria, que não cessou, desde a Anunciação, de recordar no seu coração e de meditar nos acontecimentos da vida desse Filho que Deus lhe deu, compreende isso perfeitamente, nessa “hora”. E associa-se, com todo o amor do seu coração, à Redenção que se realiza sob os seus olhos:

“Maria conservou fielmente a união com o seu Filho até à cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé, sofrendo profundamente com o seu Filho único, associada de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado” (Vaticano II, *Lumen gentium*, n.o 58).

É aí, como diz o Concílio, o termo da “sua peregrinação de fé”. A fé de Maria, mantida e esclarecida pela recordação das profecias que anunciavam o Messias Salvador pelo seu sofrimento (cf. Is. 53), aguenta com plena lucidez o insuportável impacto do Calvário. Para todos os outros, escândalo desconcertante e desesperante (cf. Lc. 24,20-21), o drama, de que nenhum detalhe, nenhu-

ma proximidade lhe foram poupados, é, para Maria, a realização das promessas, a salvação da humanidade, libertada do pecado e da morte.

E só Maria, nessa "hora", conserva uma firme esperança. Sem prever como as coisas se passarão, sabe que Jesus, como ele próprio o anunciara (Mt. 16, 21; Mc. 8,31; Lc. 9,22), há-de "ressuscitar ao terceiro dia". Sem a diminuir, a esperança ilumina a sua dor:

"Maria, na cruz, diz São Bernardo, sofreu no seu coração um verdadeiro martírio... Ela previa a morte do seu Filho; mas esperava, confiante na fidelidade de Deus, que ele ressuscitaria. Tudo isto na violenta dor do seu amor..."

## 2. Eis aí o teu Filho...

Maria, mergulhada na sua oração dolorosa, e João, que a sustinha, ouvem a voz de Jesus: última mensagem dum moribundo, que os torna particularmente atentos: "Aquele que viu é que atesta" (Jo. 19,35).

Jesus dirige-se primeiro a sua mãe. É Maria a destinatária; João não passa de beneficiário. A interpelação é estranha: não era corrente que um filho, dirigindo-se à sua mãe, lhe chamasse: "mulher". Nesta denominação, já empregada em Caná (2,4), não deverá ver-se segundo pensam bons exegetas, uma alusão à narrativa do Génesis? Maria será a "nova Eva", a "mulher", mãe do género humano renovado pela Redenção. Esta interpretação, sugerida desde o fim do século II por Santo Ireneu ("o nó que a virgem Eva deu pela sua incredulidade foi desatado pela Virgem Maria pela sua fé": *Adversus Haereses*, III, 22, citado na *Lumen gentium*, n.o 56), dá à maternidade espiritual conferida a Maria toda a sua extensão.

"Eis aí o teu Filho": desde a alta Idade Média que se impôs a interpretação que vê em João, confiado a Maria como seu filho, o representante de todos os homens salvos pelo sangue de Cristo. "Na ordem da graça, diz também o Concílio, Maria tornou-se nossa Mãe" (n.o 61).

E as palavras dirigidas a João confirmam esta missão: "Eis aí a tua mãe". Palavras eficazes, que determinam o discípulo "a receber Maria em sua casa, a partir dessa hora" (Jo. 19,27).

Entre João, que representa a Igreja e o mundo salvo, e Maria, "a partir dessa hora" estabeleceu-se um laço extremamente forte e íntimo. À sua mãe, Jesus confiou todos aqueles por quem dá a sua vida, por os ter amado "até ao extremo" (Jo. 13,1; trad. TOB) : Jesus dá-nos Maria como mãe, e Maria recebe-nos como seus filhos:

"O seu amor de mãe fá-la estar atenta aos irmãos do seu Filho, que ainda peregrinam, ou se debatem entre perigos e angústias, até que alcancem a pátria bem-aventurada" (Vaticano II, *Lumen gentium*, n.o 62).

Toda a confiança afectuosa e insistente dos cristãos relativamente à Mãe de Jesus, tornada sua mãe, funda-se na palavra decisiva de Jesus. Ao pé da cruz, Maria tomou-nos ao seu cuidado...

Para o coração de Maria, é um alargamento de amor que Jesus pede à sua mãe; e Maria aquiesce logo, com aquela mesma prontidão com que aceitara ser a mãe de Jesus:

"Mistério da paixão do seu coração, escreveu o Pe. Daniélou. O que morre no coração de Maria, na noite da Paixão, é esse amor ainda humano; ainda carnal, pelo Cristo individual; e o que ressuscita no coração de Maria, no dia da Ressur-

reição, é a sua maternidade universal relativamente a todos os homens. E alguma coisa deve ter morrido aí no coração de Maria: o fim duma felicidade imensa, esses trinta e três anos que ela tinha vivido com o Filho de Deus feito homem. Quando Cristo lhe disse, mostrando-lhe João: Mulher, eis aí o teu filho, o seu coração foi profundamente trespassado por uma espada, porque era na verdade o fim duma realidade maravilhosa: nesse momento, ela ultrapassou esse amor concentrado na humanidade de Jesus para dilatar o seu coração à medida da humanidade total. E isto não podia fazer-se senão pela morte, por essa morte do coração, por essa paixão do coração, tão profunda como a paixão do corpo do seu Filho” (*“La Vierge et le temps”* 1.º trim. 1948, p. 24-25).

### 3. Maria, mãe da Igreja

A longa tradição cristã, de que a piedade marial está dependente, insistiu sobretudo na relação filial de cada um dos cristãos com Maria, sua mãe, desde a “hora” do Calvário. Daí a confiança, insistente, e por vezes um pouco indiscreta, testemunhada em tantos gestos e orações. Confiança que implora Maria e entrega nas suas mãos os que presentemente estão afastados, pela sua conduta ou pela sua infidelidade, ou ainda pela sua ignorância, do Salvador: Maria convertendo os extraviados ou os pagãos, tema sempre caro à piedade cristã e ao seu reconhecimento a Nossa Senhora...

Retomando a intuição dum Santo Agostinho, o Papa Paulo VI, na alocução com que fechou, em 21 de Novembro de 1964, a terceira sessão do Concílio, valorizou uma denominação que os Padres do Concílio tinham hesitado

em empregar: *Maria, mãe da Igreja*. A hesitação do Concílio explica-se: Maria, resgatada ela mesma por uma redenção antecipada, faz parte da Igreja; mãe do Redentor, é ela a primeira beneficiária da graça da Redenção. E todavia deve dizer-se que ela é a Mãe da Igreja, visto ser, como diz Santo Agostinho, mãe da Cabeça, de que a Igreja é o corpo. A maternidade divina, disse o Papa, é o fundamento de onde procedem as relações de Maria tanto com Cristo como com a Igreja.” “Filha de Adão como nós e, portanto nossa irmã pelo laço da natureza”, Maria é todavia a Mãe do Verbo encarnado, e por isso a Mãe desta Igreja “que é o seu corpo, d’Aquele que o próprio Deus enche totalmente” (Ef. 1,23).

Quando se trata da Igreja, precisou Paulo VI, deve entender-se a totalidade do “novo povo de Deus”: Mãe da Igreja, quer dizer, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores”. Maria não pertence à ordem hierárquica, mas exerce a sua função maternal na ordem da graça, pela qual nos tornamos “membros do seu Filho”: Maria é mãe do Cristo total...

E como a graça transborda para lá das fronteiras visíveis e sacramentais da Igreja, como ela consegue chegar, para os conduzir a Cristo, aos extraviados do rebanho, os pecadores e os trânsfugas, os incrédulos e os indecisos, vagueando ao sabor de um desejo implícito de salvação e de luz (cf. *Lumen gentium*, n.º 16), Maria é também a mãe desta “extensão potencial” da Igreja. O interesse deste título é menos de mostrar a amplitude da missão maternal de Maria, do que de recordar o seu fundamento: ela é a mãe d’Aquele que, da cruz, “atrai tudo a ele” (Jo. 12,32) e que foi constituído pelo Pai como “cabeça” da humanidade (Ef.

4,15).

E de nos fazer tomar consciência, na acção de graças e na oração, de que Jesus, na “hora” em que resgatava o mundo, quis confiá-lo na sua totalidade ao amor maternal de sua Mãe...

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) Não sentimos a importância de fundamentar doutrinalmente, na Sagrada Escritura, a nossa devoção marial? O benefício de certos esquecimentos e desdêns na Igreja actual não será de nos fazer encarar a sério o que se arriscava a não passar, como diz o Concílio, de “um movimento efémero de sensibilidade” (*Lumen gentium*, n.o 67)? Daí a importância duma reflexão séria sobre o significado e as implicações da expressão que Jesus dirigiu a sua mãe, do alto da cruz.

2) Uma censura, e um embaraço, bastantes vezes referidos, vêm de sermos tentados a separar Maria de Jesus – quer para opor a benevolência marial à severidade do Juiz soberano, quer para pedir a Maria que “desarme” a sua cólera –, quando afinal Maria é essencialmente relativa a Cristo, é aquela que, embora criatura, lhe está intimamente unida. A meditação de Maria ao pé da cruz não ajudará a ver melhor a “conjunção” constante de Jesus e da sua Mãe? A ir a Maria por Jesus, tanto como em sentido inverso?

3) O “alargamento” doloroso, e para nós tão benéfico, do Coração de Maria na cruz, convidada a ultrapassar o afecto “individual” para abraçar toda a pobre humanidade, não nos estimula a reflectir sobre o nosso próprio afecto de pais? Não o ameaçará um certo “estreitamento”? Maria, no Calvário, esteve muito longe de ser uma mãe “afectivamente possessiva”!

## ÚLTIMOS ANOS E ASSUNÇÃO

«Vem do Líbano, ó esposa... Vem e serás coroada» (Cant. 4,8: Vulg.)

O Evangelho de João permite-nos imaginar a Virgem, esmagada pela dor, descendo para Jerusalém, apoiada no braço do Discípulo, enquanto cai a noite do grande Sabbat... A seguir, até à Ascensão, é o silêncio total a seu respeito...

É ponto assente que, na manhã de Páscoa, Maria foi a primeira que encontrou Jesus ressuscitado. Desde Sedulius, poeta cristão do século V, que se fala da “aparição a Maria”: a expressão não é exacta, mas evoca uma inegável realidade. As “aparições” do Ressuscitado, que os Evangelhos relatam, são manifestações em que Jesus, quebrando a incredulidade ou o pânico dos discípulos, se faz reconhecer como o Vivo, que passou pela morte. Tem de vencer as defesas apavoradas e incertas de uma dúvida obsidiante. Nada disso sucede com Maria, que esperava esta hora já ao pé da cruz. Indizível comunicação dos corações que dizem um ao outro a sua alegria, na exultação do plano divino por fim realizado! Não pode contar-se, nem mesmo imaginar-se: não se pode meter o indizível num relato! É preciso aceitarmos nada saber — Maria, nesse ponto, guardou todo o seu segredo — acerca da intimidade de Jesus e da sua mãe, durante os quarenta dias da Páscoa — senão que ela ultrapassa qualquer representação comunicável!

### 1. O Pentecostes

Os Actos mostram-nos, depois da Ascensão do Senhor, que os surpreendeu e desconcertou, os Apóstolos voltando à Cidade santa e reunindo-se no “quarto de cima”, provavelmente “o Cenáculo” onde Jesus instituiu a eucaristia. Com os onze, de que nos dá a lista, S. Lucas fala da presença de discípulos, entre os quais “os irmãos de Jesus” e algumas mulheres: Maria, a mãe de Jesus, é mencionada distintamente. A sua presença discreta ajudou sem dúvida e animou a “oração unânime” de que fala o relato: a tarefa de Maria, nessas horas difíceis em que os Apóstolos experimentaram sem dúvida um sentimento de “abandono” e de angústia, não terá sido de despertar a expectativa, cheia de esperança, do Espírito anunciado por Jesus? Ela era a única, nesta comunidade de onde ia brotar a Igreja, que tinha a experiência espiritual de uma vida com o Espírito... (Act. 1,12-14).

E foi o Pentecostes: Maria estava lá e, no meio da Igreja, recebe para a missão que agora lhe incumbe, maternidade espiritual relativamente à Igreja, uma efusão nova do Espírito. Na Anunciação o Espírito tinha-a feito mãe de Jesus, mãe de Deus; agora consagra-a mãe da Igreja...

“Maria faz parte da Igreja que espera o Espírito Santo: ela é assídua à oração, voltada para os discípulos do seu Filho e

esperando a salvação daqueles a quem o Ressuscitado se vai manifestar pelo Espírito. Lucas deixa-nos com essa visão de Maria, coração da Igreja apostólica e contemplativa. Todas as vezes que o Espírito recria o mundo segundo Deus, Maria está presente..." (Mons. J.-Ch. Thomas, *Des évêques disent la foi de l'Église*. Cerf, 1978, p. 196).

## 2. Escondida no centro da Igreja

A partir do Pentecostes, um véu caiu; não saberemos mais nada da mãe de Jesus: quanto tempo viveu na Igreja da terra? onde morou? Sabe-se que duas igrejas disputam entre si a honra de terem recebido Maria, com João, e de serem o lugar da sua "elevação": Jerusalém e Éfeso. Nenhum texto, nenhuma tradição que se imponha, vieram anular esse conflito. E, acerca das condições da sua "passagem" para o céu, ignoramos absolutamente tudo... Modéstia da Virgem, que apenas revelou aos evangelistas os factos respeitantes à infância de Jesus, mas que se rodeou a si mesma de um silêncio opaco...

Qualquer que tenha sido o tempo fixado por Deus, a verdade é que Maria permaneceu escondida no centro da Igreja. Sem qualquer função hierárquica ou missionária, ela tem por única missão orar: amparar a Igreja com a oração silenciosa que não se interrompe... Oração ao mesmo tempo de memória e de prospectiva: Maria, como em Belém, "meditava incansavelmente no seu coração" as recordações, descobrindo de cada vez com mais precisão a realização dos profetas e a manifestação da fidelidade do Deus das promessas: "Tal como o disse a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre..." (Lc. 1,53).

Mas Maria está também voltada para o futuro, não para o imaginar em antecipação impossível, mas para aguardar na esperança que se realizem as palavras de Jesus, antes de deixar os seus: "Serei minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até aos confins da terra" (Act. 1,8). Chegam-lhe notícias da Igreja nascente, e Maria reconhece nelas sinais para a sua esperança: a fé e a caridade da primeira comunidade da cidade santa, onde "a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma" (Act. 4,32); a coragem audaciosa de Estêvão e a sua "confissão" diante do Sinédrio que o condena à morte, enquanto Pedro escapa miraculosamente ao tirano; a irradiação dos primeiros missionários na Samaria, na Judeia, na cidade meiapagã de Antioquia; a partida de Paulo e de Barnabé e as comunidades que se instauram no meio das cidades do Império... Maria sabe tudo isso e estas notícias alimentam a sua oração e estimulam a sua alegria. E no entanto Maria sentia uma secreta impaciência, mas totalmente submetida à vontade do seu Filho, de se juntar com ele no céu. Mas esta impaciência, perfeitamente dominada, não a distraía da sua tarefa de mãe orante da Igreja. Como tinha esperado o Natal, a manifestação de Jesus e "a hora" da Redenção, Maria, na paz do seu coração, esperava que soasse "a hora" da sua própria glorificação. Para ela, antes de tudo, Jesus tinha partido a "preparar um lugar" (Jo. 14,2); Maria confia nele, contentando-se com repetir, com força e perseverança, a oração da sua Igreja terrestre: "Vem, Senhor Jesus!" E Jesus murmura no seu coração: "Sim! Eu venho em breve" (Apoc. 22,20).

### 3. A gloriosa Assunção

Quando por fim chegou a hora de Maria, a mãe de Jesus estava pronta. A despeito das lendas târdias, que reúnem miraculosamente os Apóstolos à volta do leito onde morre Maria, que mandam abrir em seguida o seu túmulo para o encontrarem vazio, a história da Igreja nada sabe da “passagem” de Maria para a glória do céu. Um único facto, jamais contestado: o santo corpo que trouxe Jesus nunca foi encontrado. Maria desapareceu “no seu corpo e na sua alma”.

Daí esta evidência para a fé cristã: Maria vive agora, corpo e alma, com o seu Filho ressuscitado.

Desde o século V, os cristãos de Jerusalém edificam uma Igreja para nela celebrarem o encontro de Maria com o seu Filho, no termo da sua vida terrestre. E o Oriente, numa data que cedo foi fixada a 15 de Agosto, celebra a Dormição de Maria, isto é, a passagem da mãe de Jesus, juntando-se ao seu Filho glorificado, no mundo novo do Ressuscitado. Passagem em doçura mística: Maria fecha os olhos para a terra, para os abrir à contemplação das maravilhas da Cidade de Deus, no inefável encontro com o Pai, apresentada por Jesus, escoltada pelos anjos, aclamada por todos os santos...

O Oriente celebra, à sua maneira retórica e lírica, a Coroação de Maria. O Ocidente latino contentou-se durante muito tempo com viver o seu reconhecimento filial na certeza da glória de Maria, deixando os pintores patentear céus iluminados, apresentar cortejos angélicos e mostrar Cristo na glória coroando a sua mãe. Há séculos que a proclamação, como dogma de fé, da Assunção de Maria era implorada à Santa Sé. No dia 1 de Novembro de 1950, o Papa Pio XII

aquiesceu aos múltiplos pedidos:

“Afirmamos, declaramos e definimos como um dogma divinamente revelado que a imaculada Mãe de Deus, Maria sempre Virgem, no termo da sua vida terrestre, foi elevada, em corpo e alma, à glória celeste”.

Como Mãe de Deus, Maria passou totalmente para o Reino do seu Filho ressuscitado: está com ele, para sempre, na plenitude da sua personalidade (cf. 1 Tess. 4,17), anunciando e preparando, na sua pessoa, a entrada da Igreja no céu, e avivando em nós a esperança de sermos participantes de Cristo ressuscitado. Como rainha e soberana do céu, Maria constitui o mais belo florão da glória de Cristo: ela é a obra prima que lhe agrada glorificar para sempre, “coroando os seus próprios dons” e fazendo resplandecer nela a beleza da criatura plenamente realizada no amor: “A glória de Deus, dizia Santo Ireneu, é o homem vivo”.

Mas, na sua glória, Maria não esquece os pobres filhos da terra que Jesus lhe confiou: “Depois da sua Assunção ao céu, o seu papel na salvação não se interrompe: pela sua repetida intercessão, continua a obter os dons que asseguram a nossa salvação eterna” (Vaticano II, *Lumen gentium*, n.o 62).

“Jesus intercede incessantemente junto do Pai em nosso favor, mostrando as suas chagas gloriosas, sinais do sacrifício que fez da sua vida por amor. Maria, junto d’Ele, intercede pela salvação dos discípulos de quem ela se tornou a mãe junto da cruz” (Mons. J.-Ch. Thomas, *op. cit.*, p. 206).

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) O silêncio em que Maria se fecha depois do Pentecostes não nos parece espantoso, desconcertante? Havia tanto a fazer para anunciar Cristo e fundar a Igreja. E Maria, mais do que ninguém, tinha tanto a dizer! Aos olhos de certos católicos contemporâneos, a atitude de Maria não poderá parecer uma “deserção”? E como poderá ela continuar a ser para nós um modelo, suscitando a nossa reflexão e o nosso ‘discernimento’?

2) A acção do Espírito em Maria no Pentecostes nem sempre se compreende facilmente: não tinha ela recebido o Espírito da Anunciação? Ligação entre dom do Espírito e missão na Igreja? Não somos convidados a reflectir sobre o dom do Espírito na nossa vida cristã e “apostólica”?

3) Lugar e importância da oração isolada na vida da Igreja – e portanto da vida contemplativa. Não pode ser-nos indiferente que Deus chame, a exemplo de Maria e sob o seu patrocínio, cristãos a consagrarem a sua vida inteira à oração contemplativa... O lugar de uma certa “contemplação” silenciosa e retirada nas nossas próprias vidas.

4) O mistério da Assunção convida-nos a reflectir acerca da ideia que fazemos do céu: espécie de beatitude sem actividade, contemplação passiva do rosto divino revelado? Ocupação que não suscita qualquer entusiasmo! Ou então intensidade inimaginável (mas reconhecida na esperança) do exercício do amor de Deus e *do próximo*. Teresa de Lisieux não surpreendeu as suas irmãs ao anunciar que “passaria o seu céu a fazer bem na terra”? Ao dizer isto, não se situava ela no rasto de Maria?

# A IMACULADA CONCEIÇÃO

«Alegra-te, Maria, cheia de graça» (Lc. 1,28)

O mistério fundamental de Maria, essa plenitude de graça que a inunda desde o primeiro instante da sua existência, só foi descoberto pela Igreja lentamente, ao retomar na oração as indicações e observações dos Evangelhos sobre a Mãe de Deus. O mistério de santidade designado pela expressão “Imaculada Conceição” não está, como tal, expresso no Evangelho: diz-se-nos o que faz Maria, e mais ainda aquilo em que ela consente, humilde e dócil criatura que se entregou à vontade de Deus e lhe abandonou incondicionalmente todo o seu ser. A fórmula com que o anjo a saúda sugere o seu princípio: “Alegra-te, porque alcançaste o *favor* de Deus”. Nada vem especificar esse favor, nem precisar-lhe o momento; unicamente, o perfeito grego deixa entender que se trata dum “favor” que, uma vez dado, persiste no momento em que o enviado de Deus o menciona. Maria recebeu uma “graça” que significa o olhar privilegiado, a eleição e a predestinação, que distinguem, para Deus, essa rapariga ignorada pelos homens. O anjo levantará parcialmente o véu, revelando a Maria que Deus a escolheu para ser mãe do seu Filho e, de certo modo, para habitar nela, como uma nova arca de aliança. E a sequência mostrará com que facilidade, abnegação e santidade Maria desempenhará a tarefa para que Deus a preparou. Isto, Maria viveu-o: não pôde deixar de o consciencializar, mas a sua atenção

dedica-se a Deus, e não a capitalizar as graças recebidas. Se alguma alma se preocupou pouco em estabelecer o seu balanço espiritual, foi certamente a que não encontrou outra resposta senão dizer-se “a escrava do Senhor, anuindo simplesmente à Palavra”...

## 1. A Igreja descobre o privilégio da Imaculada Conceição

Como sucedeu noutras circunstâncias, parece que os acontecimentos do começo do Século V atraíram a atenção para a dignidade, e portanto para a santidade, de Maria. Um bispo do Oriente, o patriarca Nestório lembra-se de pôr em causa o título tradicional de *Theotokos* (mãe de Deus) atribuído à Virgem Maria; para Nestório, Maria é apenas a mãe do homem Jesus, no qual se efectuou uma “conjunção” com o Verbo de Deus. Reacção violenta de Cirilo, patriarca de Alexandria, que, no Concílio ecuménico de 431, realizado em Éfeso, faz aclamar a unidade pessoal de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e o título de “mãe de Deus” adequado a Maria, mãe da Pessoa do Verbo encarnado... Mãe de Deus, não será Maria, necessariamente, a santíssima, “Panagia”, como os orientais gostam de a designar?

“Santíssima”, por causa da missão que Deus lhe confiou — por isso a mais santa das criaturas ou, o que é mais ainda, “a

que nunca recusou a Deus a mais pequena prova de amor”.

“Se, aos dezasseis ou dezoito anos, esta rapariga de Nazaré pôde confiar em Deus até este grau de humilde disponibilidade, foi porque nenhuma falta a tinha jamais aflorado desde o começo da sua vida: Deus tinha-a cumulado de graça, na previsão do que um dia lhe pediria...” (Mons. J.-Ch. Thomas).

Sem conhecer, evidentemente, o que a biologia moderna descobre sobre a extraordinária unidade de comportamento que cada ser recebe desde o primeiro instante da sua existência por intermédio do seu código genético, o Oriente cristão teve a intuição de que a graça se tinha apoderado de Maria desde o momento da sua conceição: enquanto todos os filhos de Adão nascem sob o contágio do pecado original, Maria foi “imaculada” desde o próprio instante em que começou a existir. Para a graça de Maria tem de haver uma origem: foi o favor inicial, que a consagrou desde o início da sua vida...

Daí que se instituísse, no Oriente, pelo século VII, uma festa da “Conceição de Maria”... Esta festa será adoptada pelo Ocidente latino, que a fixa no dia 8 de Dezembro, nove meses antes da festa da Natividade de Maria... São Tomás de Aquino, que no século XIII, com grande número de teólogos medievais, hesitará em reconhecer esta graça inicial, referir-se-á à existência dessa festa, e confessará que ela suscita um grave problema.

O problema que, na verdade, se põe à teologia da Idade Média não é o da total santidade de Maria, coextensiva a toda a sua vida, mas o da fonte dessa graça excepcional. Não escapa Maria à redenção universal, se é preservada do pecado original? Hesitações que ainda encontra-

rão eco no Concílio de Trento (sessão V, Julho de 1546) e explicam a reserva da declaração: “O Concílio não tem a intenção de compreender neste decreto, relativo à universalidade do pecado original, a bem-aventurada e imaculada Virgem Maria, mãe de Deus”...

Mas já o génio do teólogo franciscano Duns Escoto tinha mostrado que, longe de isolar Maria, o privilégio da Imaculada Conceição manifesta, em seu favor, uma aplicação excepcional da Redenção: antecipada, imunizante, e não, como para o resto do género humano, cura dum estado pecaminoso já contraído.

Foi nesse sentido que, no dia 8 de Dezembro de 1954, o Papa Pio IX definiu o privilégio marial:

“A bem-aventurada Virgem Maria foi, desde o primeiro instante da sua conceição, preservada intacta de toda a mancha do pecado original, por uma graça e favor especiais de Deus todo-poderoso, em consideração dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano.”

E a oração da missa da festa, ainda hoje usada, exprime assim a nossa prece e acção de graças:

“Senhor, tu preparaste uma digna morada para o teu Filho pela imaculada conceição da Virgem, pois a preservaste de todo o pecado por uma graça proveniente já da morte do teu Filho; concede-nos, por intercessão dessa Mãe puríssima, que sejamos purificados de todo o mal e curados do pecado...”

## 2. O privilégio marial

Não deve definir-se apenas em termos negativos — imunização do pecado original e de todo o pecado — o privilégio da Imaculada Conceição. É uma plenitude que ele afirma e nos convida a re-

conhecer.

O Espírito Santo apodera-se logo de Maria, no próprio momento em que ela começa a existir como criatura livre. O pecado é sempre uma enfermidade espiritual, porque revela uma aptidão para recusar Deus, para “contristar o Espírito Santo”, como diz São Paulo (Ef. 4,30). Dizer que Maria não tem pecado é afirmar que ela se manteve sempre perfeitamente dócil ao Espírito Santo. Daí essa plenitude das virtudes teológicas, que o Espírito Santo “derrama nos nossos corações” (Rom. 5,5): a fé de Maria, imediatamente pronta a anuir à vontade de Deus numa obediência perfeita, verdadeiramente livre porque inspirada pelo amor – a esperança que não fraquejará, mesmo ao pé da cruz – a caridade que, esquecida de si mesma, a levará para Deus e para os homens na generosidade incansável do seu amor...

O equilíbrio calmo e silencioso que o Evangelho nos convida, discretamente, a admirar em Maria exprime a sua total submissão ao Espírito Santo. O Espírito age mansamente, por persuasão lenta mas incessante; não constrange senão em face duma resistência. Em Maria, o Espírito forjou, paciente e discretamente, uma disponibilidade de acolhimento que, no dia da realização do plano divino, se exprimirá pelas palavras que o

Evangelho refere: “Eis a escrava do Senhor; faça-se segundo a tua Palavra.” Disponibilidade que tornará Maria acolhedora perante as expressões, de cada vez mais exigentes, dos apelos de Deus – desde a aceitação da miséria do Natal até ao assentimento, ao pé da cruz, à maternidade universal que Jesus lhe pede para assumir para sempre...

A Imaculada Conceição incita-nos a admirar Maria, mas a dar graças a Deus. A liberalidade de Deus, a beleza da criação divina, resplandecem em Maria imaculada... E foi afinal para nós que Maria foi cumulada de um tal esplendor espiritual. Para que Maria se compadeça dos pecadores, não era preciso que nunca tivesse tido qualquer convivência com o pecado? Para que o seu Coração seja incansavelmente maternal, cheio de afectuosa solicitude, não era necessário que estivesse imunizada do menor traço de egoísmo e de busca de si mesma?

“O olhar de Deus cria-nos, o seu amor precede-nos; não somos senão uma resposta à santidade amorosa de Deus. Maria fez a experiência disso duma maneira excepcional. E a sua resposta ao Amor, que se lhe antecipara, achou um alegre vigor ao reconhecer que “o Poderoso fez por (ela) maravilhas...” (Mons. J.-Ch. Thomas, *Des évêques disent la foi de l'Église*, Cerf, 1978, p. 205).

## QUESTÕES PARA A TROCA DE PONTOS DE VISTA

1) O privilégio da Imaculada Conceição leva-nos a *reflectir* sobre o *pecado*. Ele é, antes de mais, uma atitude empobrecedora de *recusa*, um modo de contestação adolescente de um Deus que é essencialmente amor e desejo de liberdade: Deus não nos constrange, convida-nos. E é por respeito pela nossa liberdade que Deus permite o pecado. E, depois, ele é também uma busca de nós mesmos, que, recusando-nos aos outros, nos concentra triste e amargamente sobre o nosso pobre desejo de sermos nós próprios por nós mesmos – consentindo nesse desprezo prático dos outros que é consequência e

fruto do pecado. Maria, na alegre disponibilidade do seu coração imaculado, sempre pronta a vir em socorro da nossa fraqueza, não revela, por contraste, a triste mediocridade do pecado?

2) Longe de isolar Maria numa "aura" inacessível, o privilégio marial torna a Virgem compadecida e boa. Aproxima-a de nós, torna-a compreensiva. Será porventura necessário (como se ouve por vezes) ter a experiência do pecado para nos tornarmos fraternos com os pecadores? Não apreenderemos correctamente o que é a Imaculada Conceição, compreendendo que Maria é capaz de nos amar verdadeiramente, apesar da nossa moleza e cobardia?

3) Não será da sua Imaculada Conceição que provêm para Maria a juventude de coração, a força corajosa, a aptidão para suportar o sofrimento? Sem fraqueza, sem comprometimento, nem complacência, Maria é forte, duma energia suave mas inalterável. A Imaculada Conceição representa o contrário do medo. É um aspecto que se encontra nos santos; mas quanto mais na rainha dos santos?!

# CONCLUSÃO — A NOSSA DEVOÇÃO A MARIA

«Todas as gerações me proclamarão bem-aventurada» (Lc. 1,48)

Venerar Maria

— é reconhecer nela a associada de Jesus Cristo e a colaboradora da nossa Redenção;

— é admirar e imitar as suas virtudes;

— é confiar-se a ela, numa oração que seja fonte de força e inspiradora de coragem.

## 1. Maria relativa a Jesus

Maria é a criatura que Deus escolheu, desde toda a eternidade, para participar na obra de Cristo: dando-o ao mundo, em primeiro lugar, e em seguida unindo-se a Ele, para a santificação e o crescimento espiritual daqueles que Cristo lhe deu como filhos.

Nunca se deve, portanto, isolar a Mãe do Filho, sempre reconhecendo, como repete o Concílio Vaticano II, “o papel subordinado de Maria” (*Lumen gentium*, n.º 62). Longe de gostar e desejar que a consideremos à parte, Maria quer que nunca a separemos de Jesus, de que ela é “a humilde escrava”.

Tudo recebe de seu Filho, a começar pela sua Imaculada Conceição; quer que Ele reine nos corações, nas famílias e no mundo. Na Igreja, de que é proclamada Mãe, Maria continua a desempenhar o seu papel de escrava, jamais aceitando

ser separada do Corpo de Cristo, onde ocupa um lugar supereminente, mas de que faz parte.

A nossa piedade encontrará Maria nos mistérios de Jesus (e é essa a intenção da oração, eminentemente tradicional, do Rosário) e deixar-se-á conduzir por Maria ao seu Filho. Maria não dá por si mesma a graça, mas é a intermediária por quem nos é dada toda a graça. E o seu único desejo é conduzir-nos a Jesus, fomentando, diz também o Concílio, “a união imediata dos fiéis com Cristo” (n.º 60).

Qualquer devoção que tendesse a “isolar” Maria não seria conforme ao plano de Deus, nem à descrição de Maria: assim como na terra teve a constante preocupação de fazer a vontade do Pai mantendo-se ao serviço do seu Filho, Maria, hoje, conduz-nos a Jesus, faz-nos voltar para Ele, e murmura-nos constantemente: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo. 2,5).

## 2. Maria modelo de vida cristã

Maria, modelo da Igreja, é para os cristãos um exemplo que se devem esforçar por imitar. O Concílio insistiu largamente sobre esse ponto:

“No mistério da Igreja... a bem-aventurada Virgem Maria ocupa o primeiro

lugar, oferecendo, de modo eminente e singular, o modelo da virgem e da mãe: pela sua fé e obediência, gerou na terra o Filho de Deus Pai, sem perder a sua virgindade, pelo poder do Espírito Santo, acreditando sem hesitar, qual nova Eva, não na antiga serpente, mas no mensageiro divino. Deu à luz o seu Filho, a quem Deus constituiu primogénito entre muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, entre os fiéis em cuja geração e formação ela coopera com amor de mãe” (*Lumen gentium*, n.o 63).

A verdadeira devoção a Maria é a imitação das suas virtudes; se não, seria uma vã presunção. Maria convida-nos a aumentar constantemente a nossa fé e a cumprir a vontade de Deus... Ela é um modelo de esperança, sobretudo nos dias sombrios e dolorosos, em que nos conduz ao Calvário. É uma incomparável mestra de oração, aquela que, no silêncio do Natal, “meditava no seu coração” os acontecimentos dos últimos dias e que, ao pé da cruz, intercedia sem fraquejar pela nossa salvação. Lembra-nos, pelo seu incomparável exemplo, o grande mandamento do seu filho: amar os outros e traduzir em caridade fraterna o amor generosíssimo de Deus...

Nas manifestações da sua caridade, o Concílio destaca, justamente, os gestos devotos de amor materno:

“Maria, por toda a sua vida, foi modelo desse amor materno de que devem estar animados todos aqueles que colaboram na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens” (n.o 65).

### 3. A nossa oração a Maria

Ela exprime a nossa confiança naquela que Jesus nos deu como Mãe. E é bem assim que se apresenta, no decurso da

história da Igreja, o recurso à “mãe de misericórdia”.

“Desde os mais antigos tempos, a bem-aventurada Virgem é venerada com o título de Mãe de Deus; e os fiéis recorrem à sua protecção, implorando o seu socorro em todos os perigos e necessidades...”(n.o 66).

Mas há um certo perigo de credulidade e, se assim se pode dizer, de facilidade, que ameaça esta oração: espera-se de Maria uma protecção extraordinária, que dispensaria qualquer esforço e empenho da nossa parte. Nota-se isso, nos nossos dias, numa certa “exploração” de aparições mariais, mais ou menos autênticas, mais ou menos aprovadas pela Igreja. As grandes aparições mariais incitam-nos a uma maior fidelidade ao Evangelho: em Lourdes, (a) a Virgem lembra os ensinamentos do seu Filho, a oração, a fuga ao pecado, a penitência, a entreejuda concreta duma verdadeira caridade. É preciso evitar que uma ingénua credulidade faça das manifestações mais ou menos intempestivas, suscitadas por pretensas intervenções da Virgem, um meio cómodo de prever o futuro e de se proteger facilmente contra hipotéticos perigos. O Concílio previne-nos contra “qualquer excesso contrário à verdade, como também contra qualquer pequenez de espírito injustificada”. O bom senso e o espírito cristão dos videntes, cuja santidade a Igreja reconheceu, garantem a saúde espiritual das peregrinações a que os fiéis acorrem em grande número, hoje ainda mais do que antigamente. Um clima muito são de oração, de contrição dos pecados, de confiança no Senhor adora-

---

(a) — como em Fátima (N. do T.)

do na eucaristia, reina nos numerosos lugares de peregrinação onde a Igreja nos convida a venerar a Virgem. Convém que esse clima seja sempre o da nossa oração marial, orientada afinal “para Cristo, origem de toda a verdade, santidade e devoção” (n.o 67). Nestas condições, a oração muito simples, calmamente confiante, e preocupada com implorar os verdadeiros bens do Reino, dirigida a Maria, ajudar-nos-á a assumir as nossas responsabilidades de batizados, e a irradiar a nossa fé no Senhor.

Não poderia concluir melhor estas reflexões do que citando, uma vez mais o Concílio Vaticano II:

“Recordem-se os fiéis de que uma devoção autêntica não consiste, de modo algum, num sentimentalismo estéril e passageiro, nem numa vã credulidade. A verdadeira devoção procede da verdadeira fé, que nos leva a reconhecer a dignidade eminente da Mãe de Deus, e nos incita a amar essa Mãe, com um amor filial e a procurar imitar as suas virtudes” (n.o 67).

Não poderia o diálogo, simplesmente, e em toda a confiança, ajudar-nos a trocar os nossos pontos de vista sobre a devoção a Maria, o seu lugar na vida do casal, e o auxílio que ela nos traz para cumprirmos as obrigações cristãs, na linha do batismo, da confirmação (sacramento do testemunho) e do matrimónio?

“A figura da Virgem não desilude nenhuma das aspirações profundas dos homens do nosso tempo e oferece-lhes o modelo acabado do discípulo do Senhor: obreiro da cidade terrena e temporal, mas peregrino que se apressa em direcção à cidade celeste e eterna; promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre o necessitado, mas, sobretudo, testemunha operosa do amor que edifica Cristo nos corações.” Paulo VI Exortação apostólica *Marialis cultus*, n.o 37 (2 de Fevereiro de 1974).

